

SP registra em outubro 1.306 queixas de estupro, recorde de série histórica

Governo diz ver em números um aumento de notificações, não elevação real de casos; crimes patrimoniais têm sequência de 39 meses de queda

(Folha de S.Paulo, 29/11/2019 - acesse no site de origem)

O estado de São Paulo atingiu no mês de outubro deste ano a maior quantidade de ataques sexuais já registrada em único mês pela polícia desde 2010, início da histórica paulista. Foram 1.306 queixas recebidas no mês –o que representa 42 ataques por dia, quase dois por hora.

O recorde anterior era de outubro de 2012, sete anos atrás, quando houve 1.239 relatos de ataques. A segunda maior marca [havia sido em setembro último, com 1.201](#). Essas 1.306 queixas representam um acréscimo de 14,4% em comparação aos 1.142 crimes registrados em outubro de 2018, completando o terceiro mês seguido de elevação.

Os números foram apresentados na tarde desta sexta-feira (29), dentro do pacote de dados estatísticos divulgado todos os meses pelo governo paulista.

Segundo o secretário executivo da PM, coronel Alvaro Camilo, o governo paulista não detectou ter havido um aumento real no número de crimes, mas, sim, um crescimento das notificações –o que não é de todo ruim, porque ajuda no combate ao problema.

Camilo diz, porém, que esse é um tipo de incidente criminal com alta complexidade de enfrentamento.

“Estamos fazendo estudos aqui na secretaria a respeito de como conseguir evitar o estupro. Que medidas podemos adotar?”, disse.

“No estupro, ainda não se identificou como, de que forma a polícia pode agir para impedir que uma pessoa seja vítima dentro da própria casa. Que peça eu mexo para fazer com que o estupro deixe de acontecer?”, disse.

O secretário declara que o que já está definido é continuar com as campanhas incentivando que os casos sejam denunciados e não seguirem desconhecidos em sua maioria.

Para Rafael Alcadipani, professor da FGV, é preciso um estudo mais aprofundado para que entender os motivos do crescimento dos casos de estupro, mas, segundo ele, é claro que o combate a esse tipo de crime é relegado pelas autoridades.

“Olham para crimes contra o patrimônio e homicídios. O crime contra vulneráveis, contra crianças, contra mulheres, praticamente inexistente no pensamento e na formulação nesse tipo de política. É um completo ponto cego na política de segurança pública”, declarou.

A presidente da comissão Mulher Advogada, da OAB-SP, Claudia Patricia de Luna Silva, disse que o aumento das denúncias é um sinal de mudança de uma cultura no Brasil que, entre outras distorções, via a mulher como culpada ao ser alvo de violência sexual.

“Há uma mudança cultural. Há uma mudança, inclusive, na forma como se trata a violência contra mulher. A própria vítima hoje, por meio de acesso a informações mais qualificadas, sendo essas informações mais acessíveis, ela consegue reconhecer que a culpa não é dela. Ela entende isso e dá maior materialidade (denúncia).”

O estupro foi, praticamente, o único tipo de crime relevante a registrar aumento. Os homicídios (2%), roubos (3%) e furtos (4%), por exemplo, todos registraram queda.

Uma das maiores quedas dos chamados crimes patrimoniais se deu com os roubos de veículos, com uma redução de 27%. Em outubro do ano passado, foram roubados 5.251 veículos e, agora, foram registradas 3.821 queixas desse tipo de crime -1.430 a menos.

Essa redução nos crimes de roubo [de veículo é a 36ª consecutiva registrada no estado](#), ou, três anos seguidos de queda -comparando o mês de um ano com igual do período do ano anterior.

No último aumento registrado no estado, em outubro de 2016, foram anotadas 7.119 queixas -quase o dobro registrado agora (3.821).

O recuo constante dessa estatística, assim como a de furtos de veículos (31º mês de queda), é atribuído à política que regulamentou o funcionamento de desmanches, após a publicação de lei, em 2014.

Por Rogério Pagnan